



resenha

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

O novo jogo democrático populista: o engajamento na política quântica

FELIPE FREITAS DE SOUZA *

As mudanças proporcionadas pelas redes e mídias sociais na comunicação política ainda estão por serem devidamente dimensionadas, mas é inegável que tais mudanças ocorreram e que já reconfiguraram o modo de se fazer e viver a política de praticamente todos os países Europeus e Americanos. Refletir como as *fake news*, as teorias da conspiração e os algoritmos podem influenciar nos resultados eleitorais é uma tarefa que se coloca para os estudiosos das ciências sociais nesta segunda década do século XXI. Quem realiza essa reflexão na presente obra é o escritor ítalo-suíço Giuliano Da Empoli, fundador do *think tank* Volta, e que têm passagens na sua carreira por cargos técnicos, políticos e acadêmicos.

Neste livro, explora-se os “engenheiros do caos”, sujeitos que influenciaram significativamente em processos políticos recentes. Foca-se na Itália, mas abordam-se os casos de ascensão de grupos de direita e extrema direita ao poder em países como os Estados Unidos, Hungria e Brasil. Tais engenheiros encontravam-se pouco

expostos ao público e o livro traz reflexões oportunas ao abordar suas influências. É temerário pensar que esses agentes sociais agem nas sombras, mas de modo eficaz e orientados tecnicamente, tendo efeitos diretos sobre a vida dos trabalhadores e suas condições sociais em prol de uma agenda populista e neoliberal.

A obra se divide em seis capítulos, cada um deles focando em alguns dos sujeitos que podem ser indicados como algum “engenheiro do caos”. Em comum, todos eles apostam em uma democracia participativa em substituição a uma democracia representativa, com a internet enquanto espaço de manifestação e articulação do que se identifica como “vontade popular”. No primeiro, *O Vale do Silício do populismo*, aborda-se Steve Bannon, um dos maestros do populismo americano, e o Movimento 5 Estrelas, italiano. Apesar de Bannon ter sido descartado por Trump pouco após sua eleição, certamente os efeitos de seu ideário ainda são perceptíveis. Em *A Netflix da política*, o “engenheiro” abordado é Casaleggio,

* **FELIPE FREITAS DE SOUZA** é Mestre em Educação Tecnológica pelo CEFET - MG, doutorando em Ciências Sociais pela FCL / Araraquara (Unesp), membro do GRACIAS (Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes) da USP de Ribeirão Preto e do NAIP (Núcleo de Antropologia da Imagem e Performance) da Unesp de Araraquara.

com foco na mobilização popular no espaço virtual, quando um blog italiano leva a população a apoiar medidas antidemocráticas. No terceiro capítulo, *Waldo conquista o planeta*, são feitas reflexões sobre as redes e o pensamento conspiratório a partir do episódio *Momento Waldo* da série de ficção científica *Black Mirror*, frisando-se a agilidade com que as ondas políticas populistas carregam o povo. Em *Troll, o Chefe*, o autor dedica-se às figuras de Trump, Breitbart e Milo Yiannopoulos, indicando-os como *trolls*, como pessoas que provocam reações via impérios e ataques pessoais. Em *Um estranho casal em Budapeste*, Arthur Finkelstein e os pensamento anti-migração são evidenciados, colocando-se o Islam e os muçulmanos como inimigos para alguns políticos populistas. O estímulo à xenofobia é então uma das marcas do populismo ressaltada pelo autor. Por fim, o sexto capítulo *Os “físicos” e os dados*, Da Empoli encerra abordando Dominic Cummings e os usos das tecnologias na política, indicando que é necessária a *expertise* dos que trabalham como os físicos, com dados limitados, “recortados” da realidade, para atingir metas políticas. Não são mais as vias tradicionais de mobilização política que se fortificam, mas sim a atuação política que objetiva *likes*, compartilhamentos e a exposição em massa.

A conclusão, *A era da política quântica*, apoia-se na metáfora física para problematizar a mudança de um paradigma político newtoniano a um paradigma político quântico, trazendo a tona o narcisismo de massa, o desejo de controle que as redes sociais mobilizam e a perspectiva que não há mais unidade nos fatos expressos: se no âmbito político a leitura era variável, apoiando-se nos mesmos fatos, na era da política quântica tanto as leituras quanto os próprios fatos variam, gerando-se bolhas

onde as pessoas vivenciam suas experiências de radicalização política e isolamento do espaço público. A política passa a ser uma espécie de religião cívica: se no âmbito religioso fatos e leituras podiam variar, agora é a política que assim se comporta. As opiniões privadas e pessoais, afetivas, são então alçadas ao estatuto de explicações totais da realidade. É a realidade paralela, apontada por Jason Stanley em seu *Como funciona o fascismo* (2018) e por outros teóricos contemporâneos, que se coloca como problemática atual.

O autor relata transformações sociais sendo mobilizadas com a utilização da técnica e da tecnologia para que medidas populistas e antidemocráticas fossem defendidas enquanto saídas para impasses. As elites nacionais, tidas como corruptas, devem dar espaço para as exigências dos agentes sociais. Mobiliza-se o povo, essa abstração, enquanto comunidade imaginada que pode se expressar nos ambientes virtuais, supostamente sem mediação, pela via da democracia representativa, exercendo sua influência sobre os rumos da política diretamente quando estão, na verdade, sendo manipuladas pelas informações que os algoritmos lhes oferecem – vide o caso da Cambridge Analytics, citada pelo autor. É um paradoxo, uma vez que as medidas populistas tendem a favorecer o capital financeiro e especulativo em detrimento dos trabalhadores: sem raízes no país, o Capital pode, predando espaços sem limites geográficos ou nacionais, beneficiar aqueles que manipulam as massas, não essas massas. É um cenário desalentador que o autor traça e que exige transformações no fazer político tradicional.

Indica-se como relevante o trecho em que analisa os youtubers de direita e extrema-direita no Brasil, como o caso

do músico Nando Moura e os membros do Movimento Brasil Livre. Atuantes que são nas diferentes plataformas virtuais, mobilizaram aspirações populares em diferentes frentes para, no momento eleitoral, unificarem-se em prol da candidatura de um governante populista de extrema-direita como Jair Bolsonaro, cujos resultados de seus pactos com o capital financeiro vem impactando o Brasil, com reformas que traem exatamente o povo que o candidato afirmava representar. Apesar de tudo, setores significativos desse povo ainda o identificam como expressão de sua vontade coletiva.

Por fim, Empoli constata que os discursos “mornos” sobre política perderem seu papel de cativarem os eleitores. Isso porque os discursos extremos conseguem um poder de mobilização maior. Quando esses discursos apelam para as angústias e medos das pessoas, o resultado por um lado é que uma parcela repudia aqueles que os proferem, mas uma parte dos ouvintes, os quais adotavam uma posição mediana previamente, acabam por serem atraídos para os extremos. Diversos discursos extremistas agindo, como anti-feministas, anti-comunistas, anti-islâmicos, anti-imigrantes e assim por diante, cooptam diferentes grupos de pessoas que, nos momentos decisórios democráticos, apesar de suas várias e até conflitantes posições e interesses,

convergem para o projeto político populista que melhor tenha conseguido mobilizar seus anseios individuais. Emoções negativas, estimuladas por *fake news* e teorias da conspiração, mobilizam eleitores que elegem populistas e que agem contra setores sociais mais (trabalhadores, por exemplo) ou menos (imigrantes, por exemplo) amplos: democracia e autoritarismo nunca foram formas políticas contrárias. Pelo contrário, se complementam. Por meio da tecnologia, se torna claro que os regimes democráticos gestaram em seus íntimos os autoritarismos e obscurantismos que hoje se difundem.

O livro infelizmente não traz tantas referências para o leitor: praticamente não ocorrem notas de rodapé citando textos científicos e maioria das informações trazidas na obra não estão referenciadas nas *Notas Bibliográficas*, o que certamente dificulta a leitura daqueles que querem certificar-se daquilo que o autor traz. Por outro lado, essa opção do escritor pode ser uma tentativa de deixar a leitura mais fluída. Enfim, a leitura dessa obra nos expõe a realidade neo-orwelliana em que vivemos; (re)conhecê-la é o primeiro passo para sairmos dela.

Recebido em 2020-03-18
Publicado em 2020-06-07